

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE HOMOSSEXUAL NA CIDADE DO RECIFE/PE: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Michel Whilliams da Silva Chaves

Graduando em História pela UPE
spextroxel@hotmail.com

Anderson Vicente da Silva

Doutorando em Antropologia pela UFPE e Professor da UPE
andervicensil@yahoo.com.br

Este estudo apresenta algumas reflexões acerca dos espaços considerados de sociabilidade dos homossexuais na cidade do Recife. Nesses espaços observamos uma significativa circulação de aspectos da vida social importante para construção de identidades e socialização de práticas sexuais, que contribuem para formação de esquemas de pertencimento a subgrupos. Nesse contexto, os estudos etnográficos nos espaços de interação homossexual e as abordagens historiográficas acerca da sexualidade serão fundamentais para dialogar com os arranjos sociais observados na contemporaneidade. Destacamos como locais de sociabilidade homossexual as saunas, boates, bares, cinemas pornô, shoppings, etc., que é o foco desse estudo e constituem o campo de pesquisa. Na tentativa de aprofundar algumas questões levantadas pela bibliografia, buscamos observar as relações estabelecidas pelos homossexuais em locais de socialização na cidade do Recife e, posteriormente, fizemos entrevistas com alguns sujeitos para confrontar as nossas percepções com as anotações e interpretações efetuadas acerca do objeto investigado.

Quando nos debruçamos na historiografia da homossexualidade no Brasil logo percebemos a formação de espaços próprios de sociabilidade que foram tomados como necessários para que os indivíduos com “opções” sexuais diferentes dos demais membros sociais pudessem vivenciar suas práticas afetivo-sexuais sem incomodar os padrões de moralidade reinantes na sociedade. Notamos já no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, que:

os homens que apreciavam relações sexuais com outros homens apegaram-se, obstinadamente aos vários pontos do centro da cidade dos quais se haviam apropriado como lugares públicos para encontrar parceiros sexuais e socializar-se com os amigos. (GREEN, 2000, p. 53)

Esse quadro relacional é percebido ao longo das décadas do século XX e em Recife não foi diferente. Nesse contexto, surgiu um conjunto de discursos que tentaram

normatizar as práticas sexuais dos homens que faziam sexo com outros homens. Entram em cena os estudos da medicina e da criminologia, construindo um discurso de que a homossexualidade era marginal e que deveria ser tratada como um problema social de saúde e segurança nacional. Freire (1992, p. 94) complementa essa discussão dizendo que:

nos costumes leigos, científicos ou literários, homossexual e relação homossexual pertencem à gramática da devassidão, obscenidade, pecado, hermafroditismo, promiscuidade, bestialidade, inversão, doença, perversão, falta de vergonha, sadismo, masoquismo, passividade etc. no Brasil, nada ilustra tão bem o estatuto de meio – homem, meio – besta do homossexual quanto a palavra “bicha”.

Isso caracteriza um período da história da sexualidade no Brasil denominada higienização da sociedade. Ou seja, uma tentativa de torna os espaços públicos “livres” da devassidão provada pela visibilidade e convivência com práticas sexuais de pessoas do mesmo sexo biológico. Todavia, os discursos e a propaganda suscitados pelas diferentes áreas do conhecimento não causou muitos efeitos na construção de uma identidade de grupo própria dos homossexuais. Nesses espaços de grande circulação de pessoas foram sendo topografadas por homossexuais, que aproveitavam o escuro da noite para manterem presentes suas práticas sexuais clandestinas (PARKER, 2002).

Como podemos notar a descrição dos espaços públicos destinados as práticas sexuais entre homossexuais é um tema bastante recorrente. No entanto, alguns estudos buscaram compreender como as pressões sociais em torno da orientação sexual diferente considerada “anormal” e “doentia” se transformaram em estratégias de convivência social, através da constituição de espaços caracterizados e visibilizados como locais de interação afetivo-sexuais entre homens. Esses novos ambientes foram chamados de guetos.

Segundo Pollak (1987), gueto é definido como bairros urbanos constituídos por pessoas que são consideradas segregadas do restante da sociedade, que desenvolvem uma forma própria de viver e possuem um desenvolvimento econômico autônomo. Esse conceito é bastante atual quando observamos os espaços de sociabilidade homossexuais presentes na cidade do Recife. Notamos a institucionalização de casas de show, boates, bares e cinemas com um público formado quase que exclusivamente por homossexuais. Nesses locais circulam pessoas de diferentes níveis econômicos e instrucionais.

É importante destacar que esse quadro relacional não ocorreu desconectado do contexto histórico da cidade. Já nos anos de 1970, observamos um grande fluxo de espaços destinados às interações sexuais e a homossexualidade passou a ser tema de discussões e artigos publicados pelos jornais e empresas de propagandas. Sobre isso Silva (2008, p. 24) afirma que:

Paralelamente a esses enunciados, no final dos anos 70, o Recife presenciou a difusão de novos dizeres sobre as relações afetivas-sexuais entre homens, até porque eles passaram a ter mais voz na imprensa, evidenciando novas subjetividades caracterizadas por contestarem as antigas imagens calcadas no negativismo da patologia, do vício, do crime e do exotismo.

Diante disso, notamos uma busca por caracterizar a vida homossexual como algo positivo. Essa tentativa por parte da mídia recifense estava calcada na divulgação do Carnaval como elemento da identidade de Pernambuco. Isso foi importante para a constituição e reconhecimento de um estilo de vida próprio que deu voz aos sujeitos sociais que foram durante décadas, discriminados e reprimidos no processo de integração social.

Quando refletimos acerca desse fenômeno na cidade do Recife atualmente, percebemos vários elementos que já estávamos presentes na história desse local. Todavia, outros foram sendo (re)configurados dando um significado singular nas relações homossexuais.

Os espaços utilizados pelos homossexuais para práticas sexuais na cidade Recife são bastante segregadores, pois são caracterizados como locais sem higiene, poluídos e onde circulam várias drogas e bebidas. Em nossas observações nesses espaços notamos muitos mais do que aspectos negativos. No que se referem às relações sociais esses locais são bastante significativos para pensar como as normas e regras sociais circulam num espaço considerado caótico.

A frequência desses espaços possui um maior fluxo nos horários entre turnos. Isso é bastante marcante já que esses momentos são destinados ao almoço ou a volta para casa depois do dia de trabalho. Com o tempo “ocioso”, *pode-se dar uma passadinha para curti um pouco outros caras*¹. Nesse período as relações se intensificam com construções simbólicas de amizade, companheirismo e até mesmo total solidão. Alguns pesquisados afirmaram preferirem frequentar esses locais sozinhos, pois terão mais chances em encontrar parceiros disponíveis. A circulação com

amigos e companheiros de *pegação*² sinaliza para os outros uma espécie de relação íntima, afastando qualquer possibilidade de interação sexual (PERLONGHER, 1987).

Nesse sentido, percebemos também um conjunto significativo de símbolos que são construídos pelos homossexuais para o contato com outras pessoas do mesmo sexo. Aqui destacamos vários elementos que contribuem para que esse processo ganhe a consistência e a representação necessárias para a manutenção daquilo que estamos chamando de espaços de sociabilidade homossexual.

Para Perlongher (1987, p. 152-153):

À ideia de identidade, que define os sujeitos pela representação que eles próprios fazem da prática sexual que realizam, ou por certo recorte privilegiado que o observador faz dessa prática, justapomos a ideia de territorialidade. Daí, o “nome” dos agentes num sistema classificatório-relacional vai exprimir o lugar que ocupam numa rede mais ou menos fluida de circulação e intercâmbios.

O processo de socialização humana já foi bastante discutido por diferentes estudiosos. Esse fenômeno social será bastante importante para pensar como os homossexuais constroem suas sociabilidades e suas práticas sexuais nos espaços reconhecidos próprios de interação gay. Como nos coloca Foucault (2006), a homossexualidade é uma oportunidade de visualizar as construções simbólicas além de perceber como essas contribuem para construção de um discurso do poder. Esse último se constitui um elemento importante na constituição de estratégias da paquera e da ação relacional ao longo do intercurso sexual.

Nos cinemas pornô, onde o contato sexual é o objetivo final, percebemos um território cheio de trocas simbólicas que representam na verdade um rearranjo dos elementos socializantes herdados da educação que esses indivíduos tiveram fora desses espaços (PARKER, 2002). Isso nos leva a considerar que, mesmo num local de ruptura dos estigmas e normas socializantes, encontramos características peculiares no que concerne formação de uma ordem social preponderante. Nesses espaços encontramos relações homossexuais marcadas por normas que permitem ou não a aproximação de duas pessoas ou até o contato sexual. Portanto, isso vem reforçar a ideia de que os espaços de sociabilidade homossexual é um subgrupo social representado por membros que compõem o grupo social dominante.

Nos bares e boates as sociabilidades são voltadas para relações de cumplicidade e companheirismo destacando a necessidade de convivência amigável no que tange ao

processo de integração no grupo ou subgrupo dentro do próprio grupo de sociabilidade. Isso ocorre em sua maioria graças necessidade humana de construções sintéticas de interação simbólica.

Em fim, as homossociabilidades é um fenômeno recorrente em nossa sociedade e ao mesmo tempo reservada e invisível (PAIVA, 2007). Isso nos permite concluir que, a socialização homossexual é uma relação de forças, de arranjos, de práticas e de roteiros organizados em torno de uma afetividade culturalmente e historicamente construída na tentativa de criar elementos de aceitação e associação das práticas corporais.

NOTAS

¹ Expressão utilizada por um dos freqüentadores dos espaços estudados e que nos serviu de informante chave nos processo investigativo.

² Termo (gíria) muito recorrente no cotidiano das interações homossexuais na cidade do Recife.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: à vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GREEN, James N. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. *Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PARKER, Richard. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

POLLAK, Michael. *A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?* IN: Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 54-76.

SILVA, Sandro José da. *Entre plumas, interdições e reivindicações: discursos e imagens sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970*. Trabalho de Conclusão de Curso – UFRPE. Recife: O Autor, 2008.